

# Fala narcísica

*Jean Pierre Chauvin*

“Assim zombara ele desta, zombara assim de outras ninfas nas águas ou nos montes nascidas, como havia zombado de muitos jovens” (Ovídio).

“Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns” (Machado de Assis).

“[...] a conversação está sempre em excesso, com relação a criar” (Gilles Deleuze & Félix Guattari).

*Em memória de Joaquim Alves de Aguiar*

## FALA, CONVERSA

Desde a descoberta (para alguns, invenção) da psicanálise, ao final do século XIX, passou-se a creditar maior quinhão tera-

---

**JEAN PIERRE CHAUVIN** é professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes da USP e pesquisador credenciado do Programa de Pós-Graduação Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP.

pêutico à fala. Em termos mais específicos, determinados sintomas provocados por traumas, ou gatilhos mediados pela psique, poderiam ser identificados e analisados com vistas à cura de síndromes e transtornos recorrendo-se à linguagem externalizada. De posse do diagnóstico, o psicanalista apresentaria ao falante uma ou mais vias de tratamento, com ações e prazos estimados de duração.

“Nosso plano de cura se baseia nesses conhecimentos. O Eu está debilitado pelo conflito interior, temos de correr em seu auxílio. É como numa guerra civil que deve ser decidida pela assistência de um aliado externo. O médico analítico e o Eu debilitado do paciente devem, apoiados no mundo externo real, formar um partido contra os inimigos, as exigências instintuais do Id e as exigências de consciência do Supereu” (Freud, 2019, p. 226).

O método terapêutico proposto por Sigmund Freud seria desdobrado por Jacques Lacan, nas décadas seguintes à morte do “pai” da psicanálise. Para o herdeiro francês, a fala não só participava do processo de superação do trauma – ou localização do gatilho, descrito conscientemente, ou não, pelo paciente. Além do caráter terapêutico, o ato da fala relacionava-se à identidade e à (re) constituição do indivíduo.

“No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses

fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente” (Lacan, 2008, p. 32).

Um pouco mais tarde, Michel Foucault sugeriu que a interdição da fala seria um dos modos de exclusão, do ponto de vista sociopolítico. Em nome de argumentos pseudocientíficos ou normativos convenencionados por determinado grupo, a acolhida do indivíduo cederia lugar ao boicote de sua fala. Em acordo com a origem social, a posição ocupada pelo sujeito e as suas características, ele receberia o aval (ou o veto) dos pares ou superiores. Nesse sentido, a possibilidade de externalizar o que pensava e sentia por intermédio da fala implicaria a aprovação (ou a coerção) do outro.

“[...] o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem que são perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber” (Foucault, 2009, p. 71).

Para além da discussão em torno dos efeitos da fala e da sua caracterização como sintoma, deve-se lembrar que, entre os séculos XVI e XIX, a conversação constituía uma das artes cultivadas nas cortes europeias, quando a aristocracia passou a se refinar com artes que ensinavam novos modos ao cortesão, com vistas a sua distinção como nobre discreto, em relação aos homens vulgares ou sem representação social (Burke, 1995). Para esses manuais, a fala resultava de uma *performance* codificada, eivada por regras que diziam

respeito à matéria do discurso (*inventio*), à disposição de suas partes (*dispositio*), modos de dizer (*elocutio*) e à (im)postura atrelada à linguagem (*actio*). De acordo com Alcir Pécora (2001, pp. VIII-IX):

“No salão dos *hôtels* parisienses, conversar revela-se um ‘ofício’, como diz Hellegouarc’h, que faz o indivíduo tornar-se interessante e informado, sem ser pesadamente erudito, e cultivar cuidadosamente a aparência de ‘natural’, obtida menos à custa dos conteúdos das conversas, do que do perfeito domínio da voz, da pronúncia, da expressão, do gesto, do porte, enfim, de tudo que compõe a *actio* retórica”.

Poderíamos aventar que a fala tanto é performativa, quanto diagnosticável; tanto envolve artifício, quanto sinaliza para brechas espontâneas do discurso; tanto dissimula sentimentos quanto afeta paixões inexistentes. Nesse sentido, seria razoável questionarmos os limites da terapêutica, levando em conta que podemos interpretar como sintoma o que pode estar relacionado a artifícios postos em ação pelo sujeito que fala sobre algo, para alguém, em algum lugar, durante algum tempo.

## TURNOS

Provisoriamente, consideremos o truísmo de que conversar e falar não sejam necessariamente sinônimos. O primeiro ato, em geral, pressupõe o diálogo, seja ele codificado ou mais espontâneo. Quanto à fala, pode resultar da inexistência de ouvintes, quando é monólogo; ou é assimétrica, quando aquele que discorre mais fala do que ouve.

Talvez seja útil lembrar que a análise da conversação<sup>1</sup> é uma área da linguística que tem, por objeto de estudo, colóquios (mais ou menos espontâneos) que, transcritos, constituem um *corpus* de investigação relacionado às características e artimanhas do discurso e dos atores, a partir de recorrências lexicais; da estrutura, extensão e ordenação das frases; do emprego de dispositivos que favorecem, ou não, a articulação do discurso, etc.

A transcrição e análise de diálogos, tanto no âmbito da arte (cinema, dramaturgia, música, literatura), quanto em contextos comunicacionais (entrevistas, bate-papos, consultas médicas, audiências, exposição de trabalhos em eventos, etc.), ajudariam a detectar uma modalidade discursiva oral que poderíamos denominar fala narcísica. Ora, estamos habituados a supor que o narcisismo seja um conjunto de ações indicativas de postura autocentrada e autorreferencial do indivíduo. Como se sabe, nas letras antigas, o comportamento de Narciso tornou-se um paradigma desse modo de agir, especialmente depois que a psicanálise aludiu ao episódio do afogamento da personagem, sequiosa de ultrapassar o nível superficial, retratado como reflexo de sua imagem:

“Admira tudo o que o torna a ele digno  
[de admiração].  
Sem saber, a si se deseja; é aquele que  
[ama, é ele o amado].

---

1 “A Análise da Conversação deriva, segundo Heritage (1999), da Etnometodologia, uma corrente da sociologia inaugurada a partir da publicação de *Studies in Ethnomethodology*, de Harold Garfinkel, em 1967, que sugeria a investigação da organização social por meio de um paradigma interpretativo” (Carvalho & Acioli, 2017, p. 158).

Ao cortejar, a si se corteja. Arde no fogo  
 [que acende. [...]  
 Ingênuo! Por que buscas em vão agarrar  
 [uma fugitiva imagem?  
 O que desejas não existe! O que amas,  
 [retirando-te, perdê-lo-ás!  
 Essa sombra que vês é o reflexo da tua  
 [imagem!”  
 (Ovídio, 2019, p. 195).

O mergulho fatal de Narciso comportaria simbolismos variados, dentre eles a incapacidade de distinguir entre reflexo (da imagem) e reflexão (do Eu), já que exprimem coisas bem diferentes. Uma diz respeito à adoração não do ser, mas da imagem que projeta (ou é projetada) sobre si mesmo; outra sugere que o mergulho em busca da essência implica ultrapassar o âmbito da superfície e lidar com áreas recônditas, e até então inacessíveis, do próprio ser.

Aparência *versus* essência: tópico recorrente na filosofia e nas artes desde a Antiguidade. Dicotomia quase sempre relacionada ao caráter ambivalente do que se vê, a sugerir o descompasso entre a imagem emitida e a sua percepção por parte daquele que a enxerga. Subjacente a essa discussão, havia a controvérsia sobre o caráter artificial da retórica, arte da persuasão. Platão via nela uma técnica descomprometida com o bem e a verdade: “[...] se o orador utilizar a oratória para fins iníquos, não é o caso de censurar, nem de censurar, nem de enxotar da cidade o seu mestre, mas sim o faltoso, que utilizou a oratória de maneira indevida?” (Platão, 1970, p. 73).

A ele se contrapunham Górgias e Polo, sofistas que defendiam o caráter técnico da arte e problematizavam os limites rela-

cionados à pretensão de buscar ou afirmar verdades: “Os filósofos, com efeito, não têm noção das leis que regem o Estado, nem da linguagem que devemos empregar ao falar com as pessoas nos negócios particulares e públicos, nem dos prazeres e paixões humanas” (Platão, 1970, p. 117).

Desde a Antiguidade, a poesia lírica deu voz a Eros, contraparte de Tanatos. A despeito de as convenções retórico-poéticas terem se transformado, ao longo das eras, o caráter egocêntrico do amor permaneceu como pressuposto dos versos produzidos. Com o advento do Romantismo europeu, no final do século XVIII, o acento individual nos versos redobrou em força e apelo. A título de ilustração, consideremos os versos de “Olhos verdes”, de Antônio Gonçalves Dias, que estabelece diálogo temático, estrutural e formal com uma rima de Camões<sup>2</sup>:

“São uns olhos verdes, verdes,  
 Uns olhos de verde-mar,  
 Quando o tempo vai bonança;  
 Uns olhos cor de esperança,  
 Uns olhos por que morri;  
 Que ai de mim! Nem já sei qual fiquei sendo  
 Depois que os vi!”  
 (Gonçalves Dias, 2001, p. 339).

A título de ilustração, recuemos até 1705, para redescobrir os olhos de Anarda, que ora sugerem afeição, ora produzem o afastamento do enamorado: “É meu peito navio,/ São teus olhos o Norte” (Oliveira, 2005, p. 11). Ou a um soneto de Camões

---

2 “Eles verdes são:/ E têm por usança,/ na cor esperança,/ E nas obras não” (versos de Camões que servem como epígrafe ao poema “Olhos verdes”, de Gonçalves Dias, publicado em *Últimos cantos*, de 1851).

(2008, p. 280): “Fermosos olhos, que na idade nossa/ Mostrais do Céu certíssimos sinais,/ Se quereis conhecer quanto possais,/ Olhai-me a mim, que sou feitura vossa”.

Eventualmente, se o leitor preferir, consideremos um poema de Petrarca, que descreve os efeitos avassaladores do rosto sobre o estado de alma da *persona* poética: “Quando entre as outras damas se demora,/ Amor brilha é no belo rosto dela;/ e vendo que nenhuma lhe é mais bela/ cresce em mim o desejo que enamora” (Petrarca, 2014, p. 51). Ou ainda, evoquemos uma ode de Horácio, que referencia a posição superior de quem é observado em relação à de quem vê: “Ó filha mais formosa que a formosa/ mãe, atira os meus jambos criminosos/ aonde quiseres, ou ao fogo ardente,/ ou às ondas do Adriático [...]” (Horácio, 2003, p. 49).

Naturalmente, a tópica do olhar ambíguo não se restringe ao verso, nem se confunde com o movimento romântico. Avancemos até 1899, para contrapor os olhos dissimulados de Capitu ao comportamento supostamente bom e espontâneo de Bento Santiago. Façamos pouso nas páginas de *Dom Casmurro*, especialmente aquelas que sugerem a derrota do olhar (descrito como ambíguo) que arrastava o protagonista em meio às vagas, diante do seu falar (assertivo) que tudo devora em nome do paternalismo, da subserviência aos dogmas e ao autoenvenenamento por suspeita da consorte. A cena a seguir descreve a suspeita de Bento Santiago sobre a infidelidade de esposa e a paternidade do filho:

– O quê? perguntou ela como se ouvira mal.  
– Que não é meu filho.

Grande foi a estupefação de Capitu, e não menos a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso foro. Já ouvi que as há para vários casos, questão de preço; eu não creio, tanto mais que a pessoa que me contou isto acabava de perder uma demanda. Mas, haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira: a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela” (Machado de Assis, 2014, p. 353).

Lembro que, no tempo da enunciação de suas memórias, Bento – filho da escravista D. Glória; escudado pelo pai de empréstimo, José Dias; e confrontado pela régua de prima Justina – afeta inocência, o que, em tese, condiria com a sua suspeita de que a esposa Capitu estivesse dentro de Capitolina, a menina pobre com que a casa abastada dos Santiago fizera muro e arrimo. Joaquim Alves de Aguiar notara, a esse respeito, que:

“O muro, como sabemos, contém uma abertura (a portinhola) por onde transitavam Bentinho e Capitu, no vaivém das brincadeiras infantis e, depois, do namoro adolescente. Tomando a história em seu todo, a abertura ganha um valor simbólico notável, pois ela acaba funcionando como detalhe da passagem de classe de Capitu, que sobe os degraus da casa ao lado quando ingressa na outra família, ao casar-se com Bentinho. A passagem de Capitu permite ver que a roda grande absorve a pequena, como uma metrópole que engole um subúrbio. Quando se casa, Capitu vai viver na Glória, um bairro com o mesmo nome da mãe de seu marido” (Aguiar, 1998, p. 159).

## ESCUITA

Como se sabe, a crítica brasileira gastou mais de 60 anos até admitir a eventual inocência de Capitu (*Dom Casmurro*). Vale lembrar que isso só passou a acontecer a partir de 1960, provavelmente em resposta ao agudo estudo de Helen Caldwell, *O Otelô brasileiro de Machado de Assis*<sup>3</sup>. Seria ocioso retomar os ensaios da estudiosa norte-americana, bem como as hipóteses formuladas por Eugênio Gomes ou Silviano Santiago, nos anos que se seguiram. Por isso, em lugar de nos estendermos sobre as (des)razões da crítica brasileira para condenar ou inocentar Capitu, interessa-nos mais avaliar os pressupostos, meios e objetivos mal encobertos pelo discurso teoricamente franco de Bento Santiago, sombra e sobra da esposa.

“Se o narrador noticia as etapas fundamentais do processo educativo do protagonista (que é ele mesmo, na infância, adolescência e mocidade), pouco ou nada ficamos sabendo sobre suas experiências escolares. É que, nesse período da vida, ganha vulto a figura de Capitu, que o inicia nos caminhos do amor e que, com isto, desempenha um papel educador mais importante na trama romanesca que os papéis desempenhados pelo padre e pelos professores do Seminário e da Faculdade” (Aguiar, 1998, p. 152).

Poderíamos diagnosticar duas concepções: a patriarcal, surda aos apelos razoá-

veis da mulher; e a crítica, que vislumbra *Dom Casmurro* como elucidativo intertexto shakespeariano. Isso porque, durante mais de meio século, tratou-se de desprezar a tarefa de ler a obra a que o próprio Bento Santiago, narrador da peça de acusação favorável a si mesmo, fizera diversas alusões, ao longo do romance:

“A instalação do tribunal doméstico, o réu diante do promotor e do juiz, sem direito a júri e advogado de defesa, é, entre outras coisas, mais um elemento que confirma uma certeza cultivada pelo leitor desde o início do livro: *Dom Casmurro* é um ‘romance de família’. A educação de Bentinho é mais sentimental do que escolar, e todo o seu drama decorre da crise e da dissolução do seu casamento” (Aguiar, 1998, p. 153).

Corremos o risco de repetir obviedades, decorridos 120 anos da publicação do romance machadiano. Vale lembrar que *Dom Casmurro* é narrativa escrita em primeira pessoa por um ex-seminarista e advogado, costurado à saia da mãe, forjado no dogmatismo moral da igreja e cultivador da retórica – correspondente aos bustos dos oradores que enfeitam a sala de visitas, em seu velho-novo lar, à imitação da casa onde viveu com a mãe em Matacavalos.

Porventura, o que mais chama atenção no plano diegético é que – afora tratar-se do relato unilateral de um cinquentão ou sexagenário, a recontar os lances da sua vida, quando era garoto mimado e egocêntrico e cioso das vantagens de sua classe social – Bento Santiago mais e melhor fala do que escuta. Com o passar dos anos, não lhe bastou vingar-se de esposa e filho; ele sentiu necessidade de escrever uma nar-

3 “Sem demora [Bento Santiago] aparenta ser um homem sutil e, além de tudo, um advogado, cujas palavras convém ao leitor pesar cuidadosamente” (Caldwell, 2002, p. 20).

rativa autocentrada, em que a perspectiva alheia quase não contava. Nesse sentido, haveria uma duplicação do Eu, que ganha forma à medida que o narrador/promotor/advogado enuncia a sua versão dos episódios que vivenciou.

Lembre-se do episódio que abre o seu diário, em que ele diminui a importância do “poeta do trem”, chama seus versos de “não inteiramente maus” e concede ao jovem, que só “conhecia de vista e de chapéu”, o título dado ao romance. Repare-se na descrição cega que faz de sua mãe, no capítulo que leva seu nome (D. Glória), ao ver nela uma “boa criatura”, apesar dos hábitos escravocratas e da postura autoritária com que criara o filho e tratava a parentada em nome de Deus, da moral e dos bons modos. Note-se a acusação, sem provas nem direito à escuta, de sua esposa – embora dissesse amá-la desde a infância. Em termos de arrogância e de autorreferência, ele está bem próximo do defunto-autor Brás Cubas, ou de Cristiano Palha – o especulador maior e dissimulado de *Quincas Borba*.

Advirta-se que os pequenos e grandes lances da vida de Bento resultam de uma seleção ativada pelos afetos e pela memória (ambos capazes de enganar). Quer dizer, a distribuição de capítulos, no livro, obedece a uma *dispositio*, ordenada com o fito de persuadir o leitor de que o narrador é honesto e se atém à verdade embutida nos fatos.

Até mesmo o aparente esquecimento de mencionar determinados episódios (intercalados na sequência) colabora na persuasão do leitor: tais lapsos sugerem estarmos diante de um narrador que se assume como ser falível, a justificar a sua incapacidade em preencher as lacunas de sua existência casmurra, solitária e saudosista.

Claro está que não se trata de narrativa isenta. Quem se daria ao trabalho de recontar décadas de uma existência conservadora, pequena e solitária, se não fosse para criar (ou mudar) a imagem produzida por *outrem*?

## FALA CONTRA ESCUTA

Não seria difícil estender essas observações em torno da ficção à realidade que nos cerca e, por vezes, coíbe. A fala narcísica está na intervenção de um aluno que julga colaborar com a aula, acrescentando dados ou corrigindo informações, mediante consulta prévia (ou imediata) a provedores de busca, na internet. Por vezes, isso acontece porque a sala de aula é confundida com fórum para a superação do indivíduo, esteja ele no papel de professor ou aluno. Aceita essa hipótese, poder-se-ia recorrer a Jacques Lacan (2005, p. 27), que examinava

“[...] o que se estabelece quando o neurótico chega à experiência analítica. É que ele também começa a dizer coisas. Ele diz coisas, e nessas coisas que ele diz não há muito com que se espantar se, no começo, não são outra coisa senão essas falas de pouco peso [...] Contudo, algo é fundamentalmente diferente, é que ele não vem ao analista para dizer ninharias e banalidades. Desde então envolveu na situação algo que não é nada, já que, em suma, é seu próprio sentido que ele vem mais ou menos procurar”.

A fala narcísica reside na suposição, por parte de parceiros de ofício, além de orientandos e estudantes, de que o tempo de que dispõem coincide com os momentos

de ócio de seu colega, orientador ou professor – disponível dia e noite para as suas dúvidas pontuais e agruras existenciais, sob pena de parecer frio, distante e insensível.

Ela também se manifesta quando amigos sobrevalorizam o que têm a expor, mas são incapazes de escutar o que o ouvinte teria de importante a lhes comunicar. Ela está na costureira autorreferenciação, traduzida pelo emprego recorrente de “minha tese”, “meu artigo”, “minha aula”, “meu ponto de vista”, “minha ideia”, etc. Recorramos a Lacan (2008, p. 40), para atribuir maior consistência:

“A relação narcísica com o semelhante é a experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano. Enquanto experiência do eu, tem uma função decisiva na constituição do sujeito. O que é o eu, senão uma coisa que o sujeito primeiro experimenta como estranha no interior dele mesmo? É primeiro num outro, mais avançado, mais perfeito que ele, que o sujeito se vê. Vê, em particular, sua própria imagem no espelho [...]”.

A fala narcísica está nas mensagens eletrônicas enviadas por e-mail ou através de aplicativos para celular, em que, atendido o interesse, ou fornecido o material desejado pelo solicitante, este não se recorda, sequer, de retribuir o gesto. Está no questionamento, quase sempre por achismo, da nota atribuída (e não obtida), da frequência inventada (e não calculada). Para Sigmund Freud (2017, p. 30):

“[...] a libido liberada pelo fracasso não fica em objetos na fantasia, mas retorna ao Eu; a megalomania corresponde, então, ao

domínio psíquico sobre esse montante de libido, ou seja, à introversão para as fantasias encontrada nas neuroses de transferência”.

Finalmente, ela pode estar nas ruas. Parece ser o caso quando, em meio às gentes numa galeria comercial repleta de pessoas, no bairro da Liberdade, em São Paulo, acontece um diálogo como o que segue:

– Biluuuu! Biluuuu! [aos gritos]  
 – O que é isso?! [assustado]  
 – *Isso* é o meu estado de felicidade, que incomoda muita gente [dito ruidosamente]<sup>4</sup>.

Infelizmente, este interlocutor não teve oportunidade de responder à criatura, que talvez padecesse de um excesso de felicidade. Não fosse esse o caso, e porventura ter-lhe-ia dito que ela estava a confundir um sintoma de histeria (relacionado à sensação de plenitude comerciária, ou mero cabotismo consumista) com alegria, por definição, passageira.

Essa percepção não é nem se pretende original. Aliás, poderia ser parcialmente irmanada ao que disse Byung-Chul Han (2017, p. 9): “Estamos constantemente comparando tudo com tudo, e com isso nivelamos tudo ao igual, porque perdemos de vista justamente a experiência de *atopia* do outro. A negatividade do outro atópico se retrai frente ao consumismo”.

A essa altura, seria o caso de perguntar: “Qual a vantagem do Eu em falar demasiadamente sobre si, sem escutar nem a objeção, nem o elogio do outro?”. Nonada. Talvez seja

4 Testemunhado por este autor em 14 de setembro de 2019.

o caso de consultarmos atentamente *Hints towards an essay on conversation*, de Jonathan Swift<sup>5</sup> – capítulo precioso, com dois

séculos de persistência, em que o escritor irlandês detectava sinais de loucura em determinadas situações de fala. Ponto final.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Joaquim Alves de. “Sob as ordens de mamãe: aspectos da pedagogia doméstica em *Dom Casmurro*”, in Viviana Bosi et al. *Ficções: leitores e leituras*. Cotia, Ateliê, 1998, pp. 151-74.
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. 1ª reimp. Trad. Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo, Editora Unesp, 1995.
- CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Cotia, Ateliê, 2002.
- CAMÕES, Luís Vaz de. “Soneto 35”, in *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, p. 280.
- CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima; ACIOLI, Moab Duarte. “Entre falas simultâneas, tomadas de turno e sobreposição de vozes: quem tem a palavra no debate?”, in *Revista do GELNE*, v. 19, n. especial. Natal, 2017, pp. 155-65.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. 3ª ed. Trad. Bento Prado Júnior; Alberto Alonso Muñoz. São Paulo, Editora 34, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 27ª reimp. Trad. Roberto Machado. São Paulo, Graal, 2009.
- FREUD, Sigmund. “Introdução ao narcisismo”, in *Obras completas*, vol. 12. 5ª reimp. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2017, pp. 14-50.
- \_\_\_\_\_. “Compêndio de psicanálise”, in *Obras Completas*, vol. 19. 1ª reimp. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2019, pp. 189-273.
- GONÇALVES DIAS, Antônio. “Olhos verdes”, in *Cantos*. Introdução, organização e fixação do texto por Cilaine Alves Cunha. São Paulo, Martins Fontes, pp. 339-41.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Vozes, 2017.
- HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Trad. Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

---

5 “For instance, nothing is more generally exploded than the folly of talking too much; yet I rarely remember to have seen five people together where someone among them hath not been predominant in that kind, to the great constraint and disgust of all the rest” (Swift, 2014,

s/p) [“Por exemplo, em geral nada é mais disruptivo que a loucura falando em demasia; contudo lembro-me de raramente haver cinco pessoas juntas, em que uma delas não tivesse predominância desse tipo, para grande constrangimento e desgosto de todo o resto”].

- LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O mito individual do neurótico*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. 2ª ed. Apresentação de Paulo Franchetti; notas e comentários de Leila Guenther. Cotia, Ateliê, 2014.
- OLIVEIRA, Manuel Botelho de. "Madrigal I", in *Música do Parnaso*. Organização e estudo crítico de Ivan Teixeira. Cotia, Ateliê, 2005, p. 11.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo, Ed. 34, 2019.
- PÉCORÁ, Alcir. "Variações para conversas entre espécies de salão", in André Morellet et al. *A arte de conversar*. Organização, seleção e prefácio de Alcir Pécora. São Paulo, Martins Fontes, 2001, pp. VII-XX.
- PETRARCA, Francesco. "Soneto 12", in *Cancioneiro*. Trad. José Clemente Pozenato. Cotia/Campinas, Ateliê/Editora Unicamp, 2014, p. 51.
- SWIFT, Jonathan. *Hints towards an essay on conversation*. Adelaide, The University of Adelaide, 2014. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/s/swift/jonathan/s97h>. Acesso em: 15/9/2019.